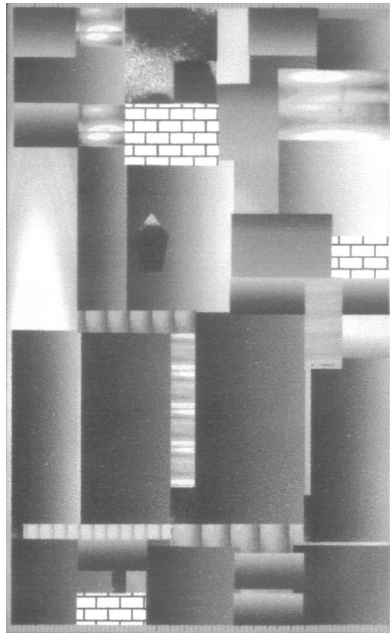


TRADUÇÃO





UBI EST QUI NATUS EST REX IUDEORUM? ONDE ESTÁ O RECÉM- NASCIDO REI DOS JUDEUS?*

*Nicolau de Cusa***

1. Além do que expus alhures sobre essa festividade, ao pregar em diversos lugares no dia de hoje, quero acrescentar agora um esclarecimento ao tema.

Os sábios não duvidavam que houvesse nascido o rei dos judeus, apenas questionavam onde teria nascido. Aquele povo tinha o rei dos reis, “que habita nos céus”, como seu rei, que regia sobre os judeus através de Moisés e os profetas. E então, aquele que falava ao povo através deles, dizia “eis que estou aí” e “foi visto e andava sobre a terra”, conforme predissera que viria. Por isso, os magos, a partir da estrela não duvidavam daquele que haveria de vir, mas perguntavam onde estaria.

2. Alguns dos que lidam com as seitas afirmam que essas coisas podem ser previstas a partir das grandes e raras conjunções dos planetas, sobretudo de Saturno e de Júpiter, dentre as quais existe a religião cristã, que trata da sabedoria oculta, que eles chamam a religião de Mercúrio. Isso porque é possível que uma seita, que designa uma constelação, devesse ser a casa ou constelação natural de algum plane-

* Festa da epifania. Brixen, 6 de janeiro de 1456.

** Texto tirado de KOCH, Josef (ed.). *Cusanus-Texte. I. Predigten, 2./5. Vier Predigten im Geiste Eckharts*. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1937, pp. 84-117. Tradução de Enio Paulo Giachini.

ta, e assim surgem as religiões, uma é a de Saturno outra a de Vênus. Dizem pois que a religião dos judeus é a de Saturno, a dos árabes, de Vênus, a dos cristãos, Mercúrio; assim, a partir da direção das grandes conjunções, o que os magos puderam prever que o rei e guia da religião teria nascido e em que região, mas não precisamente em que cidade ou em que casa. Assim Messala escreveu que os antigos teriam visto surgir, no primeiro semblante de Virgem, uma virgem com um menino exubere a quem as pessoas adoravam, e segundo esses, esses astrólogos, que previram a constelação no Oriente, de onde vinham, vieram para vê-lo na Terra com seus próprios olhos.

3. Nós porém não vamos nos preocupar com essas conjecturas, vendo que os magos teriam sido conduzidos por um sinal visível que os precedia em forma de estrela; por cujo sinal estavam seguros de que teria nascido aquele de quem provém toda sabedoria que todos os sábios deste mundo devem buscar, conhecer e adorar.

4. Mas as palavras de nosso tema que agora devem ser explicitadas, segundo Mestre Eckhart em sua interpretação do Evangelho de João, podem ser primeiramente compreendidas num tom depressivo, como se dissesse: “o rei dos judeus que nasceu é o onde” ou o lugar absoluto, como se os sábios dissessem: aquele rei que nasceu é Deus, que é o “lugar de tudo”. Pois assim todos os sábios viram que Deus seria o lugar. Estando no lugar, todas as coisas estão em repouso, e fora de seu lugar todas as coisas estão inquietas, pois não são/estão naquilo em que tendem. Segundo viu Salomão, todos os rios retornam “ao lugar de onde saíram”, assim todas as coisas retornam ao lugar de onde saíram. Enquanto são, portanto, todas as coisas são a partir da essência, como as coisas brancas são a partir da brancura, as coisas boas, a partir da bondade, e as verdadeiras, da verdade. A essência, portanto, de onde todas as coisas vieram é o lugar para o qual tendem todas as coisas. A partir da afirmação de que “fora de seu lugar todas as coisas estão inquietas” e “todas as coisas tendem e retornam a seu lugar” e “em seu lugar próprio, todas as coisas estão

protegidas, seguras e repousam”, não será inconveniente chamar a Deus de lugar, não no modo que nos dá a entender o sentido da palavra, mas no modo que supera o modo precário de nosso conceito. Assim, no Apocalipse, João afirma que o Verbo de Deus afirma: “Eu sou o alfa e o ômega, o princípio e o fim”; “mas fim, repouso e o bem são idênticos”. O salmista, em diversas passagens, Agostinho no decurso das Confissões e muitos outros confessam que Deus é o lugar da alma. Mas, visto que Deus é o lugar de onde todas as coisas recebem ser, para serem – pois o que não é, ele invoca para si para que seja; o ser porém é aquilo a que tudo é invocado para que seja, e fora do ser tudo é inquieto; pois ao que não é não apetece nada a não ser ser onde repousa – o ser, portanto, que é princípio de tudo que é, é o fim, o lugar ou repouso de tudo, como vemos em tudo que devém pela arte ou pela natureza – pois repousam no ser. Pois quando a casa é produzida no ser pela arte, tem estabilidade e repousa inalterável; e se ela perde o ser colorida ou pintada, embora seja imóvel como casa, modifica-se na linha daquele ser colorido, que perde, que uma vez alcançado, “repousa” e cessa “toda mudança precedente”.

5. Repara que o lugar do tempo é a eternidade ou o agora ou a presença, e o lugar do movimento é o repouso, e o lugar do número é a unidade etc. Pois que ser se vê existir no tempo a não ser a presença? Esse ser é a presença ou o agora, como se diz que do tempo só temos o agora, e não há muitos agora mas um apenas. Pois o agora não passa para o passado nem se pode dizer haver agora do futuro, pois permanece sempre imóvel. Sendo que o agora da eternidade é a própria eternidade ou o próprio ser, no qual está o ser do tempo que é Deus eterno e é sua eternidade; chamamos de eternidade, portanto, ao princípio e fim do próprio ser, assim também ao lugar do tempo.

6. E me parece que quando reparamos no movimento nele não encontramos nenhum ser a não ser repouso; pois todo movente se move do repouso para o repouso, assim como o tempo se move de

agora para agora; não há muitos repousos, tampouco muitos agoras. Repouso é portanto a essência estável do movimento; sendo que tudo que se move se move do ser em repouso para o ser em repouso. Esse ser do movimento estável e sempiterno é o repouso, que é Deus. Isso porque quem repara na coincidência de princípio e fim, e que no fim absoluto os termos de que e para o que coincidem, vê a verdade disso.

7. Assim também com o número: pois o número progride de um a um, tampouco se descobre que o ser do número seja algo diverso que o uno, tampouco há muitos unos, mas um único uno. A unidade, portanto, que é também entidade ou essência, é una, que é princípio e fim e lugar de todo ente ou de todo número enumerável. Deus, portanto, enquanto é essência dos entes numeráveis, é chamado de entidade ou unidade ou Deus uno, que é sua unidade.

8. Assim o raciocínio é o movimento racional do espírito de verdade para verdade; e não há senão uma única verdade, e se diz que Deus é a verdade, porque é o repouso ou o lugar das razões lógico-dedutivas ou da compreensão intelectual.

Assim se dá com as demais coisas semelhantes, então na variedade dos nomes nada mais descobres que o próprio Deus é o lugar ou o repouso de tudo, que é o princípio que coincide com o fim de todas as criaturas. Deves sempre precaver-te nesse modo de falar, porém, para que não creias que os termos sejam precisos quando falamos do inefável.

9. Paulo disse que em Deus somos e nos movemos: pois somos viandantes. O viandante se chama tal e é viandante por causa do caminho. O viandante, portanto, que caminha ou se move no caminho infinito, quando interrogado onde se move, responde: a caminho. E se interrogado de onde se move, responde do caminho; e se perguntado para onde pretende ir, responde do caminho para o caminho. E desse modo o caminho infinito é dito lugar do viandante, que é Deus. Por isso aquele caminho, fora do qual não se pode

encontrar nenhum viandante, é aquele ser sem princípio e sem fim, a partir donde o viandante é e tem tudo que é. Que o viandante comece a ser tal a caminho, isso nada acrescenta ao caminho infinito nem cria qualquer mudança no caminho perpétuo e imóvel.

10. Repara, assim, como o verbo de Deus se chama caminho; podes compreender disso que o um intelecto verdadeiramente vivo é viandante a caminho ou no verbo da vida, caminho a partir da qual se chama viandante e na qual se move. Se movimento é viver, o caminho do movimento é a vida; assim é o caminho vivo do viandante vivo. O viandante vivo tem aquilo de onde é o que é do caminho vivo, e o caminho vivo é seu lugar e se move nela e a partir dela, por ela e para ela. Corretamente, portanto, o filho de Deus se chama de caminho e vida.

11. Repara pois que aquele caminho é também vida e verdade. Pois o viandante vivo é o espírito racional, que em seu movimento tem um vivo deleitamento; sabe portanto para onde tende. Pois sabe estar a caminho da vida, mas esse caminho é a verdade. Pois a verdade é o alimento deleitabilíssimo e imortal de sua vida: a partir do qual, portanto, o viandante vivo tem o próprio ser, do qual se nutre. O caminho vivo que é igualmente a verdade é o verbo de Deus, que é também Deus e é a “luz dos homens” no caminho dos viandantes; pois o viandante não precisa de nenhuma outra luz, para não andar nas trevas como que sem saber para onde vai. Mas o caminho, que é também vida e verdade, é igualmente luz que ilumina, e é luz dos vivos, pois é “luz da vida” que manifesta a si mesma.

12. Um é o ingresso de todos os homens neste mundo, mas nem todos vivem de forma igual; pois, mesmo que os homens nasçam nus como os demais animais, pela arte humana têxtil, vestem roupas, para melhor viver, costumam cozinhar alimentos, têm casas e cavalos e outras coisas que a arte acrescenta à natureza para melhor viver; essas artes que temos a partir de inventores são consideradas como um grande presente e um dom ou uma graça. E visto que muitos vivem aflitos, em tristeza e em cárceres, e muitos sofrem, enquan-

to que outros levam sua vida alegre e nobremente, em abundância, concluímos corretamente daí que, com certa graça ou arte, o homem poderá alcançar uma vida serena e feliz mais do que concede a natureza. E muito embora muitos tenham descoberto diversas artes de viver melhor por seu engenho ou iluminação divina, como os que descobriram as artes mecânicas e a arte de semear e plantar e negociar, e outros que compuseram as regras da política e da economia, e os que inventaram a ética que familiariza com a moral e os costumes até a aquisição do deleite na vida virtuosa e assim governam pacificamente a si mesmos, embora todas essas artes não sirvam ao espírito, geram reflexões sobre como se pode levar uma vida virtuosa e digna de louvor nesse mundo, com paz e quietude.

13. A essas artes acrescenta-se a religião fundada na autoridade e revelação divinas, que prepara o homem para a obediência de Deus pelo seu temor e dileção e ao próximo e pela esperança alcançar a amizade de Deus, doador da vida, para alcançarmos neste mundo uma vida longa e tranquila e no futuro uma vida feliz e divina. Mas dentre todos os tipos de religião, que carecem em muito da verdadeira vida, nos foi revelado o caminho para a vida eterna pelo filho de Deus Jesus, que nos transmitiu o que é a vida celeste, que têm os filhos de Deus, e que podemos tornar-nos filhos de Deus e de que modo. Assim como a arte do bem viver neste século nos é transmitida de diversos modos por diversos engenhos, e é mais perfeita aquela que foi conquistada de uma razão mais clara, assim se dá também com a religião, que diz respeito à vida futura e ordena esta vida à futura nos é transmitida de diversos modos pelos profetas, que previram de longe a vida futura. E visto que ninguém viu a vida futura, a não ser em conjectura, assim, apenas aquele que vem à nossa natureza a partir de Deus ou daquela vida celestial que é para nós futura, pode nos transmitir de modo perfeito a religião ou a via para aquela vida. Esse é nosso Jesus, que desceu do céu para que tenhamos a vida e a tenhamos em mais abundância do que por natureza, e vivamos por ele que “começou a fazer e ensinar” como isso irá acontecer e dis-

se: “Quem me segue não anda nas trevas, mas tem a luz da vida”. Ele foi portanto esse caminho de se alcançar a graça, que foi igualmente o caminho da natureza.

14. Jesus portanto é o lugar onde repousa todo movimento da natureza e da graça. O verbo de Cristo ou a doutrina ou seu mandamento ou o exemplar de seu movimento é o caminho para a visão e apreensão da vida eterna, que é a vida de Deus, o único que é imortal: assim é vida mais abundante do que a vida da natureza criada. Onde ninguém poderá achar ao caminho da graça que leva ao pai, por si mesmo, mas é necessária que entre pelo portal. Cristo falou que ele é o portal, que é também o caminho: o cristão, que é fiel, que opera na fé por dileção, entrou pelo portal e está no caminho. O portal é a fé, o caminho é a dileção. De onde que a fé em Cristo é igualmente portal e caminho. Por isso, o verbo de Deus Pai chama do não ser para o ser e por fim a um tal ser que vive uma vida intelectual, pois compreende seu ser. O verbo feito carne invoca esse ser intelectual pela graça para sua comunhão, para que deguste na fonte paterna a doçura divina de sua vida, que é comunicada pelo filho de Deus.

15. Por outro lado, queremos compreender as seguintes palavras questionando-as: “Onde está aquele que nasceu?” como os sábios perguntaram pelo menino rei para adorá-lo, porque era Deus, e vê-lo, porque era homem. Vamos perguntar, pois, por primeiro: Onde está, a saber Deus feito homem, onde está segundo a divindade? E sabendo, antes de tudo, que Deus é aquele cuja “magnitude não tem fim”, e que assim, como disse Salomão 2Rs 8,27, o céus dos céus não o podem conter, então ele não está localizado em nenhum lugar.

16. Querendo perguntar pois onde estaria, de acordo com mestre Eckhart¹, notemos que podemos ver melhor onde ele não está.

1. Echardus (100va): “Cum ergo quaritur, ubi sit vel habitet Deus, et ubi quaerendus et inveniendus, respondeamus primo, ubi Deus non sit nem habitet; segundo, ubi sit e ubi habitet. Hoc enim Deus proprium est, ut de ipso verius, quid et ubi non sit, sciatur, quam sciatur quid et ubi sit”.

Digamos pois que ele não seja, “que inclui algum defeito, deformidade, mal, privação ou negação”, pois essas determinações privam e negam algum ser, embora ponha algum ser antes disso que privam e negam, e Deus seja o próprio ser pleno, de cuja plenitude todas as coisas que são recebem tudo que são. Deus pois é o próprio ser, a quem não pode faltar qualquer ser, como à brancura não pode faltar nem pode perder qualquer branco. “Sendo que Deus não é nenhuma parte do universo, mas” “anterior e superior ao universo”; pois o ser de parte do universo falta nas outras partes. E a Deus “não convém nenhuma negação ou privação, mas é própria dele e só dele, a negação da negação, que é a medula e o ápice da puríssima afirmação, segundo o que diz o Êxodo 3,14 “eu sou quem sou”, e nem pode negar a si mesmo (2Tm 2,13). O ser negaria a si mesmo se lhe faltasse algo ou faltasse a alguém. Daí que Deus está em todos [os seres] em em nenhum. Em qualquer [ser] que esteja, está pois como sendo (ens) e em nenhum está como este ente (hoc ens).

17. A mim, parece-me não ser outra coisa do que o fato de Deus ser como a forma das formas, a forma absoluta ou essência que dá ser às formas. Por isso, Moisés o chama formador do céu e da terra; pois Deus não é céu ou terra ou algo semelhante. O céu tem sua própria forma que lhe dá o ser celestial; e essa forma tem o ser da forma das formas. Assim, Deus, que tudo forma, é essência que dá ser a todas as formas, que dão o ser-isso e aquilo. Mas Deus não pode ser a forma do céu, que é constituída pela diferença do céu do não-céu. Assim, àquela forma que é constituída pelas diferenças, falta o ser, que não [as] constitui; à essência absoluta que é Deus não falta nenhum ser. Deus portanto é o ser de todo ser, assim como o ser da unidade é o ser de todo número. E assim como a unidade não é binária nem ternária, assim Deus não é o céu nem a terra. A unidade é o princípio e o fim da dualidade; a dualidade finaliza portanto na unidade, a qual uma vez subtraída desaparece o ser dual. Assim, Deus é princípio e fim dos universos, a saber o fim que não tem fim, a saber, fim infinito.

18. Assim, se Deus não está a não ser no ser, então segundo Mestre Eckhart, “não está no tempo” nem na divisão nem no contínuo ou na quantidade, nem “em algo que tem o mais e o menos” nem no distinto nem em qualquer coisa “criada, enquanto é isso ou aquilo”, nem em qualquer coisa própria, embora esteja em todas, enquanto são entes, segundo a brancura está em todas as coisas que são brancas, e não é a brancura nestas, enquanto são temporais, quantificáveis, distintas ou isso e aquilo, a saber, lenho, pedras etc. Deus portanto é “o que é” e “ser” é seu nome, e é o próprio ser, que todas as coisas apeteçam.

19. E parece-me que não é diferente afirmar: todas as coisas que são, enquanto são, são no ser, que é Deus, e dizer que Deus, que é o próprio ser, esteja em todas as coisas que são, enquanto são. Pois como seriam, se o próprio ser não estivesse nelas? Mas o ser, que está em todas as coisas que são, está em qualquer coisa que é, sem estar contraído a isso ou aquilo, como todas as coisas são o que são por ele. Se o próprio ser estivesse contraído no céu, a saber, no céu como céu, não estaria na terra; e como a terra poderia ser sem ser? Assim, está em todos e em nenhum: em todos, enquanto são, e em nenhum contraidamente, enquanto são isso. Mas o céu é isso e não outro, pois não é o próprio ser absoluto, mas contracto e confinado. Se fosse incontracto e não-confinado, infinito, não seria mais isso do que aquilo, mas co-implicaria equanimemente o ser de tudo, pois a força de ser de todas as coisas que são e podem ser, Deus, está por toda parte e em parte alguma, segundo diz Agostinho sobre a verdade no *De vera religione*. Está por toda parte, a saber, em todo lugar, mas não de modo localizado ou contraído. Mas, na medida em que está em todo lugar, permanece separado e independente (*absolutus*) de todo lugar, pois está ilocalmente em todo lugar.

20. Está pois no ser do lugar, pois o ser do lugar está nele, e não está no lugar, muito embora não esteja ausente do ser do lugar, como se o ser da mão estivesse no ser de todos os dedos. Todos os dedos

tomam pois o seu ser da plenitude do ser da mão, e não seriam, a não ser que o ser dos dedos estivesse no ser da mão. O dedo, separado do ser da mão não seria dedo, a mão não é dedo, mas o ser do dedo tem seu ser do ser da mão. Portanto, o ser da mão não está no dedo enquanto dedo ou o polegar enquanto polegar e o indicador enquanto indicador. Se o ser da mão estivesse no polegar enquanto polegar, o indicador não seria a partir do ser da mão. Pois o ser da mão não co-implicaria o ser de todos os dedos, se estivesse contraído no polegar. Daí que, para que o ser da mão possa prestar o ser a todos os dedos, está incontracto em cada um. Podes auxiliar-te desse exemplo do ser da mão, passando para o ser do universo, e dele para a causa de seu ser, como se do ser da mão olhasses para a causa de seu ser, a saber, o intelecto, que é o princípio e o fim do ser da mão.

21. Poderás encontrar auxílio em muitos pontos através dessa comparação na questão muito difundida que pergunta: Onde estava Deus, primeiro ou antes de criar o céu e a terra? A questão pressupõe algo falso, a saber, que houvesse onde ou lugar, quando não havia, e que houvesse tempo, antes que fosse. Pois, visto que o lugar e o tempo não eram antes da criação ou antes do céu e da terra, a interrogação pressupõe algo falso. Então, se à questão de onde estava Deus antes de criar céu e terra, responde-se que não era – no sentido de que se fosse, era no tempo; “era” pois é algo do tempo que ainda não era – não seria uma resposta despropositada. E como se se perguntasse: onde estava a eternidade quando não havia tempo? É uma questão tola, pois implica a contradição de que a eternidade não seria eternidade, pois seria temporal. Pois se estivesse nalgum lugar, estaria no lugar e no tempo, que não compreendem o imenso e o eterno, e que não eram antes do céu e da terra.

22. Assim, à questão “o que fazia Deus antes da criação do mundo (o que Agostinho trata no Confissões XI) e por que Deus não criou o mundo primeiro, pode-se responder que a questão tem uma pressuposição falsa, a saber, que havia um antes, quando o mundo

não era. Antes, pois, não existe sem tempo, visto que antes e depois são diferenças do tempo; e porque o antes não era, também não criou antes. Se se diz que “não era Deus anterior ao mundo?”, responde-se: se antes é uma diferença do tempo, a questão contém uma contradição. Assim, também a questão por que Deus não criou o tempo antes, pressupõe uma contradição real, a saber, o tempo era e não era. Assim, se alguém perguntar: onde estava Deus antes do mundo? Isso pressupõe algo falso, a saber, que haveria um ser fora do ser, fora de Deus haveria um lugar incriado.

23. E se se dissesse: O mundo era desde a eternidade? Podes responder de um modo que no mesmo agora da eternidade era Deus e o mundo. Pois o mundo não inicia em outro agora da eternidade, mas no mesmo em que Deus é. Aquele agora, portanto, é sem princípio e sem fim, e é Deus. E se pode dizer que, visto que Deus é a própria eternidade, na medida em que o tempo é a partir dele, assim o mundo temporal é e foi sempre e desde a eternidade, isto é, desde Deus; ele sempre foi, isto é, em todo o tempo; ao contrário, jamais foi verdadeiro dizer que não era. Pois todo tempo em que se pode dizer que o mundo não foi, ele foi; e “foi” é ele próprio a partir da eternidade, mas não é a eternidade, pois é tempo; e a ideia de que entre o agora da eternidade, da qual flui o tempo, e o próprio tempo intermedeie alguma demora, é falsa. Entre o ser da eternidade e o ser temporal não se acrescenta nem intermedeia nenhuma demora. E se consideras bem a questão que pergunta se o mundo foi desde a eternidade, implica uma contradição, pois pressupõe que o temporal e o principiado possam ser intemporais e sem princípio.

24. Dirias: o mundo temporal não é eterno, embora flua do eterno, como então os sábios podem dizer que sempre foi? Responde-se: porque aqui compreende-se “sempre” no sentido de “por todo tempo”. Dirias: O tempo portanto sempre foi? Respondo: Assim é. Pois assim não se diz outra coisa que o tempo foi em todo o tempo, ou que o tempo sempre foi tempo. Dirias: Se o mundo sempre foi,

por que se diz que ainda não transcorreram sete mil anos de quando começou? Responde-se que sempre não é eterno nem sem quantidade, pois não é sem tempo, e sua medida diz-se ser compreendida segundo tantas voltas solares. Dirias: eu imagino que muitos anos se passaram: Digo que a imaginação não excede a quantidade nem poderia dar-se uma quantidade que não pudesse ser imaginada uma maior. Assim como erra a imaginação quando imagina o convexo do céu como quantidade, no sentido de que, assentado sobre essa convexidade, alguém pudesse estender o braço, assim digo que é falsa a imaginação pela qual alguém imagina que o mundo poderia ser maior. Pois concebe que entre a magnitude de Deus, que “não tem fim”, e a magnitude finita do mundo poderia incidir uma magnitude intermédia, o que é falso. Igualmente digo ser falsa a imaginação pela qual imaginas que antes do sempre haveria um tempo, e que antes do tempo haveria um movimento, que não pode ser a não ser no tempo. Assim, o profeta, que nos exprime haver uma determinada quantidade de tempo do passado, nos revela que é falso imaginar haver uma quantidade de tempo que vai além disso.

25. Perguntarias: Deus não poderia ter criado o mundo antes? Afirma que essa questão, como as outras mencionadas, implica uma contradição, a saber, a possibilidade de haver criatura antes da criação. Como qualquer quantidade não esgota a magnitude infinita, assim nem o tempo, a eternidade. Razão por que a potencia de Deus, infinita e eterna, que pode aquilo que quer, não será concebida corretamente quando se formula esse tipo de questão. Pois a questão pressupõe que o onipotente não pode o que quer, e que Deus não seria Deus. De onde o profeta responde corretamente à questão: conforme quis, fez; e na oração confessamos que seja feita sua vontade no céu e na terra. Assim, portanto, pode-se responder: se tivesse querido, teria podido. Assim, se continua perguntando “por que não quis criar antes?”, diga que a pergunta contém uma contradição. Pois pressupõe que a vontade livre não seria livre. A isso não se pode

dar outra resposta que: a vontade de Deus é livre, e em favor da razão responde a liberdade.

Sobre essas questões, ver Agostinho, Confissões X, e elas devem ser ignoradas por que não edificam.

26. Retornemos ao tema dizendo; onde está ou habita Deus? Nessa questão, ser/estar em Deus ou habitar em Deus coincidem. Se diz que Deus habita no excelso, “ eu habito no mais excelso” (Eclo 24,7); habita nos céus, como diz o salmista: “Elevo meus olhos a ti, que habitas os céus”; e no meio: “habita no meio de vós” (Ex 25,8); habita na névoa ou na caligem, Moisés entrou na escuridão onde estava Deus (Ex 20,21); nos santos, “mas tu habitas no santo, tu louvor de Israel” (Sl 21,4). “Habita numa luz inacessível (Tm 6,16).

27. Agora, do ponto de vista espiritual, perguntemos “Onde está o recém nascido rei dos judeus? E a partir do que foi dito, deduzamos a resposta. Isso porque o ser da graça imita o ser natural, ao qual é adicionado e investido, segundo “a arte imita a natureza”, o tanto que pode. Em primeiro lugar, Deus não está no tempo: portanto, aqueles que abraçam as coisas temporais e transitórias, como se estivesse nelas o que todos buscam, se enganam. Também aquele que dividido em si fica preso à continuidade ou quantidade corporal ou a imagem, que não renuncia às fronteiras da quantidade, e o que permanece preso naquilo que acolhe o mais e o menos, não tem Deus, que é infinito e separado e absoluto frente a isso tudo. Mas é necessário que aquele que deseja chegar a Deus o procure “nas alturas excelsas, no céu, no meio, no íntimo, a saber, na caligem e na névoa”, e se torne santo (*agios = sem terra*), ou livre da terra ou da afeição terrena, santo e filho de Israel, que habitavam na luz, lançando fora as obras das trevas.

28. Também A. de Toscanella, em seu sermão sobre essa festividade, de cujo tema também nos propormos a abordar, disse que qualquer criatura corpórea, sendo finita, possui um lugar onde se

conserva, como a planta na terra, a rosa no espinheiro, os peixes na água, as aves no ar; mas a criatura espiritual não está no lugar, pois não é circunscrita nem se conserva no lugar: no sentido de lugar corporal. De onde que, se o mundo corpóreo não existisse, a criatura espiritual ainda poderia existir. As realidades eternas, como o Pai, o Filho e o Espírito Santo, não estão no lugar, mas circundam e abraçam todos os lugares, pois como o que está localizado é conservado pelo lugar, assim o lugar é por Deus.

29. Diz-se porém que Deus está no lugar por causa de alguns efeitos, que ali opera. Assim está no mundo por causa do exercício dos viajeiros, no inferno por causa do suplício dos danados, no céu por causa do gáudio dos bem-aventurados e no ânimo por causa da consolação de seus companheiros. Se diz que ele está no mundo: principiado não pode ser sem seu princípio, o ramo não frutifica sem a raiz, o membro do corpo não possui movimento sem a força do coração, as luzes do céu não iluminam sem o sol. Por isso, nenhuma criatura pode operar sem Deus: o Filho de Deus disse, sem mim nada podereis fazer; e João disse: “nada foi feito sem ele”. Assim, enquanto ele dá eficiência de operar às criaturas, se diz que estaria no mundo: “Estava no mundo e o mundo foi feito por ele”.

30. Deus está no inferno para suplício dos danados, mas o fogo não o aflige, que atua por força divina. Pois é instrumento da justiça judicativa e ninguém tem a habilidade de sofrer por causa daquele fogo a não ser quem é culpado, assim como os servos dos juízes não têm poder a não ser sobre os malfeitores. O fogo do inferno, portanto, só age no pecado; assim a pena corresponde à culpa. Na culpa há três coisas: o ardor do pecado, ao qual corresponde o fogo, o fedor do pecado, ao qual corresponde o enxofre, e a desordem, à qual corresponde a tempestade dos suplícios. Sobre o que diz o salmista: “fogo, enxofre espírito tempestuoso” etc.

31. No céu há sempre o gáudio dos bem-aventurados, e se não verem a Deus por essência, não teria a glória da bem-aventurança.

Sendo que toda a felicidade consiste na visão; e São Pedro diz que os anjos desejam olhar para ele, e o Cristo fala sobre esse gaudium: “E vossa alegria ninguém vos poderá tirar”.

32. O mesmo se dá na alma, por causa da consolação dos amigos. Embora os amigos consistam numa certa igualdade, o Filho de Deus, que era excelso em sua majestade, descendeu e humilhou a si mesmo e se fez humilde na humanidade. Uma vez que afirmou: “já não vos chamo de servos”, mas “amigos”. Os amigos porém conversam mutuamente. Assim o Filho de Deus conversa conosco enquanto habita conosco na carne e repousa na mente. Essa conversação “não tem amargura”, “nem tédio, mas alegria e gáudio”.



Normas para publicação

- Os artigos devem ser formulados obedecendo às normas técnicas de publicação da ABNT, e encaminhados à nossa editoria em modelo eletrônico e com cópia impressa.
- A editoria da Revista se reserva o direito de, após criteriosa análise consultiva, publicá-los ou não. Os artigos não publicados não serão devolvidos.
- Os autores articulistas receberão três exemplares da revista em que tiver sido publicado seu artigo, abdicando, com isso, em favor da revista, dos direitos autorais dos artigos.
- Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não precisam coincidir com o pensamento da Faculdade.
- O idioma de publicação é o português, não estando excluída a publicação ocasional de textos ou artigos em outras línguas. Os artigos deverão conter no mínimo 15 e no máximo 25 laudas (1 lauda = 2.100 toques) e vir acompanhados de um resumo de no mínimo 8 e no máximo doze linhas.
- Em folha de rosto deverão constar o título do trabalho, o(s) nome(s) do(s) autor(es) e breve currículo, relatando experiência profissional e/ou acadêmica, a instituição em que trabalha atualmente, endereço, número do telefone e do fax e e-mail.

A editoria agradece qualquer contribuição, no sentido de melhoria da revista, sejam comentários, sugestões, críticas...

Pedimos aos colaboradores da Revista encaminhar seus artigos e contribuições para endereço logo abaixo:

Scintilla – Revista de filosofia e mística medieval

Revista filosófica São Boaventura

R. 24 de maio, 135 – Biblioteca central

80230-080 – Curitiba PR

Ou: scintilla@bomjesus.br ou enio.giachini@bomjesus.br

A revista aceita permuta – We ask for exchange, on demande l'échange.

Assinatura anual (2 por ano - semestral): R\$ 25,00; Número avulso R\$ 15,00

Pedidos: enviar cheque em nome de ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ENSINO SR. BOM JESUS, para:

Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval

Revista filosófica São Boaventura

R. 24 de maio, 135 – Biblioteca central

80230-080 – Curitiba PR

Ou depósito bancário

HSBC

Ag 0099

CC 22431-14

Cod. Id. 300669-4

Contrato 130176 [Mandar comprovante por e-mail]

Contato: scintilla@bomjesus.br ou enio.giachini@bomjesus.br -
Fone: (41) 9660-2111

Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval

PÁGINA DE PEDIDOS E ASSINATURAS

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Outras informações _____

VALORES E FORMAS DE PAGAMENTO

Assinatura anual (2 por ano – semestral): R\$ 25,00; Número avulso: R\$ 15,00

Pedidos: enviar cheque em nome de ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ENSINO SR. BOM JESUS, para:

Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval

Revista filosófica São Boaventura

R. 24 de maio, 135 – Biblioteca central

80230-080 – Curitiba PR

Ou depósito bancário

HSBC

Ag 0099

CC 22431-14

Cod. Id. 300669-4

Contrato 130176 [Mandar comprovante por e-mail]

Contato: scintilla@bomjesus.br ou enio.giachini@bomjesus.br

Fone: (41) 2105-4568



